

“*VERSA IL SI DOLCISSIMO DELLA TUA PENISOLA*”: O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA NO JORNAL *L’IRIDE ITALIANA* (1854-1855)

Wellington de Jesus Neves Rodrigues¹

RESUMO: O artigo analisa a iniciativa de divulgação e o ensino de língua italiana na seção *Metodo pratico per imparare la lingua italiana*, presente no periódico *L’Iride Italiana. Giornale Settimanale del Prof. A. Galleano Ravara*, fundado na Corte do Rio de Janeiro e publicado entre os anos de 1854 e 1856. A partir de uma análise descritiva, o estudo examina nessa iniciativa desde sua apresentação e forma de divulgação até o método de ensino de uma “língua nacional” proposto pelo jornal, denominado Método Ravara, tendo sido ela publicada durante o ano de 1854 e apresentada como projeto original. O estudo apoia-se nas obras referenciais de Boto (1997), Castelo-Branco (1977), Castilho (1853), Dias (2000) e Trento (2013).

Palavras-Chave: L’Iride Italiana. Ensino de Língua Italiana. Imprensa em Língua Italiana.

“*VERSA IL SI DOLCISSIMO DELLA TUA PENISOLA*”: ITALIAN LANGUAGE TEACHING IN THE NEWSPAPER *L’IRIDE ITALIANA* (1854-1855)

ABSTRACT: The article analyzes the dissemination initiative and Italian language teaching in the section *Metodo pratico per imparare la lingua italiana* present in the newspaper *L’Iride Italiana. Giornale Settimanale del Prof. A. Galleano Ravara*, founded in the Court of Rio de Janeiro and published between the years 1854 and 1856. Based on a descriptive analysis, the study examines this initiative from its presentation and form of dissemination to the method of teaching a "national language" proposed by the newspaper, called the Ravara Method, which was published during 1854 and presented as original design. The study is based on the reference works of Boto (1997), Castelo-Branco (1977), Castilho (1853), Dias (2000) and Trento (2013).

Keywords: L’Iride Italiana. Italian language teaching. Press in Italian Language.

Introdução

Para quebrar a monotonia da capital, chegou ha pouco um poeta. [...] O poeta que anunciamos é filho da bella Ausonia, chama-se Galleano Ravara, [...]. A sua musa é popular na Italia, e ha bem pouco tempo os jornaes portuguezes transcrevião versos seus impressos na lingua original ou traduzidos, acompanhados das mais lisongeiras expressões. [...] Nos paizes que visitou o Sr. Ravara tornou popular o seu nome, declamando versos do Dante, e improvisando em reuniões publicas litterarias. Não é grande a família dos homens de letras brasileiras, mas não lhe ha de faltar um

¹ Programa de Mestrado em Letras Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: wjnrodrigues@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8324-8620>.

auditório altamente inteligente, se se resolver, como nos dizem que tenciona, a fazer-nos ouvir bellos versos declamados na mais sonora das linguas. [...] (CORREIO MERCANTIL, 1854, p. 1)²

O trecho retirado da seção *Comunicado*, do jornal *Correio Mercantil* de número 68 em 05 de fevereiro de 1854, chama a atenção para a chegada de um poeta conhecido e publicado em diferentes países e que divulgava a sua língua e literatura italianas. Nascido em San Pier d’Arena, o genovês Alessandro Galleano Ravara (1820-1855) exerceu a profissão de professor de língua italiana em escolas na sua cidade natal, após estudar na Universidade de Gênova. Depois de viver alguns anos em Portugal, veio para o Rio de Janeiro em janeiro de 1854 e desde então ofereceu, por meio de anúncios em periódicos locais (*Jornal do Commercio, Correio Mercantil, Diário do Rio de Janeiro*, por exemplo), seus serviços como professor de “línguas estrangeiras vivas” (italiano, inglês e francês).

Da mesma forma como fizera nos países que visitou (como, por exemplo, Portugal, Espanha, Rússia, França e Inglaterra), o jovem poeta e professor se dedicou à difusão das letras italianas e atraía olhares muito interessados daqueles que assistiam às suas conferências públicas, também elas periodicamente anunciadas em jornais locais. Em 09 de março de 1854, no *Jornal do Commercio* de número 68, João Vicente Martins noticia um relato de experiência da primeira conferência pública realizada por Galleano Ravara, no Collegio do Sr. Zaluar:

Assisti sabbado á primeira conferencia que o Sr. Galiano Ravara teve, no collegio do Sr. Zaluar, com seus discipulos, e outras pessoas, dando principio de execução nesta côrte a um methodo seu, o mais engenhoso, para ensinar a lingua italiana. [...]. Limite-me a dizer que o tão pequeno espaço de tempo que me foi dado assistir á primeira conferência do Sr. Galiano Ravara foi passado em deliciosa admiração de um gênio raro. Ver como em menos de uma hora de explicações, ou melhor direi de exercícios, uma menina, que até então desconhecia a língua italiana, lia com tão pequena dificuldade alguns poucos versos e os pronunciava devidamente [...] (JORNAL DO COMMERCIO, 1854, p. 2).

Os anúncios dessas conferências chamavam a atenção, sobretudo, pela novidade do seu método de ensino, que se apresentava como alternativa inovadora a obsoletas

²Foi mantida a ortografia original das citações presentes neste trabalho, à exceção daquelas traduzidas.

metodologias e era inspirado no *Methodo de Leitura Repentina*, de António Feliciano de Castilho (1800-1875), com quem Ravara havia estreitado amizade durante sua estadia em Portugal. Além disso, o *Jornal do Commercio* de número 73, de 14 de março de 1854, anunciava a iminente publicação do *Jornal Didascalico da lingua e da litteratura italiana pelo professor A. Galleano Ravara*.

Seu objetivo era divulgar semanalmente as “obras modelo desta fecunda litteratura” e a “bella lingua italiana” (JORNAL DO COMMERCIO, 1854, p. 4) a partir de seu novo método em 24 lições. Não foram encontrados registros materiais dessa publicação, mas em seu lugar circulou na Corte, em 2 de julho daquele mesmo ano, o primeiro número de *L'Iride Italiana*, cuja finalidade era tratar de questões da língua e da literatura italianas, além da crítica teatral, notícias políticas e comerciais, variedades, novelas, dramas e poesias, como anuncia o seu editorial³.

Para cumprir com os propósitos do jornal elencados em seu subtítulo, Ravara trazia diversas seções/rubricas dentro da especialidade temática literária-cultural. O seu material contava principalmente com textos que discorriam sobre a cultura, literatura e língua italianas, além de crítica teatral, que selaram “sua natureza de jornal com especialidade temática cultural da península europeia, fato ainda inédito no Brasil oitocentista” (SILVA, 2019, p. 94).

Nos anos 50 do Oitocentos, havia ainda, na Península Itália, intensas discussões acerca da sua unificação política, geográfica e linguística italianas. No entanto, o fundador, redator e editor de *L'Iride* apresenta e divulga um ensino de língua italiana, antes mesmo de existir uma língua nacional oficial. Sendo assim, a presente pesquisa problematiza o ensino dessa língua italiana na Corte do Rio de Janeiro a partir do método proposto por Ravara, que se coloca como um método inovador frente às tradicionais metodologias de ensino de línguas da época.

³A circulação do periódico foi breve (até 1856), com algumas interrupções em sua publicação, sendo a primeira em 17 de setembro de 1854, no número 12, no qual o redator anuncia que o jornal passará por mudanças e retomará as atividades na primeira semana de outubro – o que não acontece –; a segunda em 22 de abril de 1855, de número 14, tendo, ainda, uma publicação posterior em 15 de maio de 1855 informando o falecimento de seu fundador, Galleano Ravara. Em outubro do mesmo ano, o conterrâneo e amigo Pietro Bosisio assumiu a redação do jornal até o encerramento definitivo de sua circulação em janeiro de 1856.

Língua e cultura italianas na Corte do Rio de Janeiro

Em seu primeiro editorial, o fundador do jornal *L'Iride Italiana*, Alessandro Galleano Ravara relata o que o motivou a iniciar o empreendimento do periódico. "A ideia" o impulsiona e parece inquietá-lo, implorando para ser posta em prática. Como o remorso – compara o redator –, a ideia é intensa e não o abandona, estando presente, até mesmo, nos momentos de repouso e nas atividades cotidianas.

A ideia! – Quem pode resistir aos caprichos, às exigências, à força, à autoridade de uma ideia? – A ideia é como o remorso; ela te persegue em toda parte, te segue, te pressiona, te encalça; te acompanha no repouso, te aparece nos sonhos [...]. Ela ia gritando à minha consciência: “Fala Italiano, onde vais; despeja o doce *sim* da tua Península no ventre da irmã que ela ama – Pega estas duas matronas que o Tempo gerou em Roma [...] – Chama-as para um banquete fraterno e benditas no abraço da reconciliação, aconselha-a a reconhecer-se filhas da mesma mãe.”⁴ (*L'IRIDE ITALIANA*, 1854, p. 1, tradução nossa, grifo do autor).

A “ideia” é como uma missão sagrada e que deve ser cumprida de qualquer maneira. O redator discorre, portanto, sobre a sua responsabilidade de propagar a língua italiana por onde for e, principalmente, no Brasil, considerado terra-irmã muito amada pela Itália. Era necessário, pois, ajudá-la a reconhecer-se filha da mesma mãe, compartilhadora de uma mesma origem. Busca, então, criar laços com esse novo e jovem lugar, na tentativa de se tornar um guia e provedor da boa formação e do desenvolvimento cultural que a Península possuía e poderia oferecer.

A Corte era terreno propício para dar início ao projeto do semanal italiano, pois, após o casamento de D. Pedro II com a princesa Teresa Cristina, filha de D. Francisco I, rei de Nápoles ou das Duas Sicílias, um número expressivo de italianos se intensificou na cidade do Rio de Janeiro. A pedido da própria Imperatriz, foi viabilizada a vinda para a Corte de muitos

⁴“L’idea! – Chi può resistere ai capricci, all’esigenze, alla forza, all’autorità d’un’idea? – L’idea è come il rimorso; ella vi persegue dappertutto, vi segue, vi preme, v’incalza; v’accompagna al riposo, vi appare nei sogni [...]. Ella iva gridando alla mia coscienza: “Parla Italiano, dove tu vai; versa il *si* dolcissimo della tua Penisola nel grembo della sorella che ella ama – Prendi queste due belle matrone che il Tempo generò in Roma [...] – Chiamale ad un banchetto fraterno e benedette nell’amplesso della riconciliazione, consigliale a riconoscersi figlie della medesima madre.” Cf. *L'Iride Italiana*, ano I, nº 1, 2 de julho de 1854, p. 1.

profissionais conterrâneos seus, trabalhadores com alguma qualificação e formação (VANNI, 2000, p. 41).

Apaixonada pelo belo canto lírico e entusiasta das artes e da cultura em geral, Teresa Cristina verá o cenário artístico aumentar suas produções e eventos no Rio de Janeiro, principalmente na celebração da música italiana (CAPPELLI, 2015, p. 16). Como relata Avella (2014), a Imperatriz incentivava seu marido a convidar as melhores companhias de ópera para se apresentarem nos teatros da Corte e a frequência do casal era assídua nestas apresentações musicais.

Nesse cenário de grande movimento e incentivo à cultura, Alessandro Galleano Ravara percebeu que a música italiana cantada nos teatros líricos não era executada dignamente. Para ele, era uma anomalia ver uma *performance* linguística mal pronunciada ou sequer compreendida pelo espectador e declara, portanto, que “um jornal italiano me parecera uma grande falta em um país onde se canta em italiano”⁵ (L’IRIDE ITALIANA, 1854, p. 2, tradução nossa).

Vale ressaltar que, no periódico, há uma veemente defesa – feita em país estrangeiro – de uma (variante da) língua, de uma cultura e pátria italianas antes mesmo de existir um país do ponto de vista político e geográfico. A Unificação Italiana ocorre somente em 1861 e, até então, a península Itálica era subdividida em Reino de Sardenha, Reino Lombardo-Vêneto, Ducado de Parma, Ducado de Modena, Grão-Ducado de Toscana, Estado Pontifício e Reino das Duas Sicílias.

[...] a Itália estava toda dividida e ocupada por forças estrangeiras de ocupação. Os habitantes rurais dessas regiões caracterizavam-se por um forte apego emocional ao solo, ao vilarejo, à pequena propriedade da qual provinha seu parco sustento, à família e vizinhança, aos laços sociais de todos os tipos, à tradição local. Mas a situação política vigente dificultava sua identificação nacional com o vizinho de outra região, com seus vários dialetos, porque para deslocar-se de uma a outra era preciso passar por uma alfândega e exibir passaporte. A Itália não era um país, não era uma nação, mas um mosaico cheio de cercas [...]. Uma linda terra, mas não um país. É no decorrer do século XIX que pouco a pouco vai sendo tecido um genuíno sentimento nacional. (GAMBINI, 2006, p. 268-269).

⁵ “Un giornale italiano mi parve una grande mancanza in un paese dove si canta in italiano”. Cf. *L’Iride Italiana*, ano I, nº 1, 2 de julho de 1854, p. 2.

É durante o Oitocentos que na Itália, assim como em outros países da Europa, vai sendo construída uma ideia de nação. Como descrito na citação acima, não existia uma língua oficial nacional, mas, sim, dialetos e variantes, o que torna o debate linguístico amplo e complexo no processo de Unificação. Porém, ao pensá-la dentro do território italiano, Anderson (2008) apresenta valiosa contribuição ao refletir acerca da construção de um coletivo, da formação de nacionalidades que se constroem por meio de bases imaginárias e são chanceladas pelas línguas impressas nacionais que haviam vencido o latim e que ajudavam a população a perceber que compartilhavam, pelo menos na escrita, de uma mesma língua.

Dentre as diversidades linguísticas existentes, o autor declara que inevitavelmente aquelas mais próximas da língua impressa, com maior produção e difusão – principalmente em função do capitalismo –, acabariam por dominar o espaço, chegando a se tornarem línguas oficiais nacionais. Esse é o caso da língua nacional italiana, que nasceu das inúmeras experimentações feitas com o dialeto fiorentino, do século XIII ao XIX, dada a sua importância literária e cultural em território italiano e no exterior, sobretudo pela difusão das obras de Dante, Petrarca e Boccaccio.

Já no Brasil da segunda metade do século XIX, o fundador de *L'Iride Italiana* tinha, dentre seus objetivos, o desejo de espalhar e fortificar o amor às letras italianas e buscava fazê-lo por meio da língua, da literatura, do *bel canto* e da crítica teatral. Declara, ainda, que “em um país estrangeiro onde se sabe que há uma Itália no mapa, mas onde todos não sabem como ela é dividida, onde todos não sabem que Genovês e Piemontês, Napolitano e Romano, Parmense e Luquês, Florentino e Bolonhês quer dizer sempre Italiano”⁶ (*L'IRIDE ITALIANA*, 1854, p.1, tradução nossa).

O semanal se torna um veículo de propagação da cultura italiana em solo brasileiro e passa a receber, inclusive, a partir de 1855, o apoio financeiro do Imperador D. Pedro II. Antes ainda, o fundador de *L'Iride*, a partir de novembro de 1854, passou a ocupar o cargo de professor de língua estrangeira no Imperial Collegio de Pedro Segundo, por indicação do Conselheiro de Estado e Ministro da Instrução primária e secundária do Município (SILVA, 2019, p. 93). Foi inicialmente nomeado professor de língua inglesa em substituição ao falecido

⁶ “In un paese straniero dove si sa che vi è un’Italia nella carta geografica, ma dove tutti non sanno come ella sia divisa, dove tutti non sanno che Genovese e Piemontese, Napolitano e Romano, Parmigiano e Lucchese, Fiorentino e Bolognese vuol dire sempre Italiano”. Cf. *L'Iride Italiana*, ano I, nº 1, 2 de julho de 1854, p. 1.

Sr. Dr. Valdez y Palacios e somente no ano seguinte, em 1855, assume a cátedra de língua italiana do colégio (SILVA, 2019, p. 5).

Gomes (2019) destaca que o Colégio Pedro II, desde o seu início – sua criação data de 1837 –, apresentou em seu currículo o ensino de línguas clássicas (latim e grego), mas, também de línguas estrangeiras modernas (inglês e francês). A oferta de línguas estrangeiras é ampliada a partir de uma reforma curricular realizada em 1855, com a inclusão do alemão e do italiano. Isso posto, nota-se que, embora a Itália não fosse um país unificado à época e que não apresentasse, portanto, uma língua oficial, havia formalmente, via Decreto por parte do Império, o estímulo ao ensino de língua italiana como disciplina (ainda que facultativa) no primeiro colégio secundário oficial do Brasil.

Ressalta-se que a língua apresentada e ensinada no jornal, nas conferências públicas e na escola não se tratava de uma língua pátria, mas de uma língua literária, baseada nos textos clássicos da literatura e da música italianas. Refere-se à variante fiorentina, visto que a cidade de Florença é um importante polo de produção cultural desde o Trezentos. No ano da Unificação da Itália, por exemplo, o número de falantes ativos dessa variante chegava a pouco mais de 2,5% e o número daqueles que entendiam discursos e textos italianos era de, aproximadamente, 10% (DE MAURO, 2005). O professor italiano prefigura, portanto, o ensino dessa variante que viria a ser definida como língua nacional depois da Unificação.

No que diz respeito à questão metodológica do ensino dessas línguas modernas, seguia-se a mesma do ensino das línguas clássicas, ou seja, a tradução ou o método direto. “A metodologia para o ensino das chamadas línguas vivas era a mesma das línguas mortas: tradução de textos e análise gramatical” (LEFFA, 1999 *apud* GOMES, 2019, p. 95). Sendo assim, justifica-se a importância de se verificar o método criado pelo professor Alessandro Galleano Ravara.

Apresentado como inovador e original, ele será utilizado para introduzir o italiano na grade curricular de outras escolas mesmo após a sua morte, como é o caso do Colégio de D. Firmina. Ao publicar o Estatuto de sua escola no jornal de número 13 do *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ)*, de 13 de janeiro de 1856, lê-se no Capítulo III, Art. 8º, a respeito das matérias, que o ensino de língua italiana se dará a partir do Método Ravara.

A inspiração: o Método Português

Antes mesmo da chegada de Alessandro Galleano Ravara ao Brasil, ainda durante sua estadia em Portugal, o *Diário do Rio de Janeiro* publicara, em 10 de junho de 1853, uma nota sobre a sua intenção de propagar na Espanha e na Itália o Método de Leitura Repentina de António Feliciano de Castilho, seu amigo português. Essa intenção está, também, registrada em carta endereçada ao poeta português em 18 de abril de 1853 e publicada em *L'Iride Italiana* em 23 de julho de 1854:

Reputo-me altamente honrado com a escolha que de mim fizestes para interprete e propagador deste humanitário beneficio. Leva-lo-hei á Hespanha, á Italia, e para qualquer lugar onde elle possa fructificar o transplantarei e o radicarei com tanto amor quanto vós me mostrastes de confiança, encarregando-me a sua propagação (*L'IRIDE ITALIANA*, 1854, p. 2-3).

À época, em Portugal, segundo Boto (1997), discutia-se a necessidade de desenvolver pedagogicamente as populações rurais como possível forma de alcançar uma prosperidade nacional e, por conseguinte, conseguir regenerar os próprios costumes. “Urgia, pois, adequar a uma reconstrução dos comportamentos e das atitudes valorosas, ministrando às camadas populares os ‘conhecimentos úteis’, que, no parecer de Herculano e Castilho, pudessem ilustrar sem corromper” (BOTO, 1997, p. 76).

A instrução das camadas menos favorecidas preocupava António Feliciano de Castilho. Apesar da considerável perda da visão por causa do sarampo aos seis anos de idade, fora poeta, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, sócio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e membro do Conselho Superior de Instrução Pública⁷. De acordo com Boto (1997), ele percebia a escola como ineficiente e inoperante e buscava reinventar a metodologia do ensino escolar a fim de torná-la atrativa. A autora ressalta que existiram outros pensadores e teóricos da educação portuguesa preocupados com a questão do método, mas Castilho apresentara desenvoltura na condução de sua imagem pública, fazendo uso da sua popularidade, que só aumentava com o tempo, para motivar a necessidade de uma reforma escolar.

⁷ Recebe o título de Visconde de Castilho em 1870.

Boto salienta que, envolto em ideais iluministas, Castilho entendia que “o domínio da ciência surgia como fonte de civilização e o desenvolvimento dos povos e que, na verdade, a instrução assumiria papel proeminente como contraponto desse desenvolvimento que ocorria no campo das ciências, das técnicas, das culturas” (BOTO, 1997, p. 78). Ela destaca, ainda, que, apesar de ele reconhecer a leitura como patrimônio de toda a população, o poeta português objetivava “efetuar procedimentos de controle sobre o que ler, como ler e quando ler” (BOTO, 1997, p. 79).

Atento à precariedade das escolas, Castilho sugere que a estrutura escolar seja reformulada, desde as instalações até a recompensa⁸ dos professores. Propõe, dessa maneira, a ampliação das escolas, a fim de garantir o acesso das crianças e, também, “a fundação, nas vilas e aldeias, de escolas só para adultos de maneira a preencher instrutivamente as horas de serão dos dias de trabalho, bem como as manhãs e tardes de domingo e dias santificados” (BOTO, 1997, p. 80). De caráter catequizador e moralizador, a escola seria lugar tanto de formação técnica e científica, quanto de transmissão de valores éticos, morais e religiosos, tão caros e necessários ao desenvolvimento da nação, segundo Castilho.

Além da questão estrutural, Castilho se preocupa, também, com o método a ser utilizado, pois não considerava eficientes aqueles tradicionais no alcance dos objetivos educativos. Ele publica, então, em setembro de 1850, a primeira edição do seu método intitulado “*Leitura Repentina – Methodo para em poucas lições se ensinar a ler com recreação de mestres e discípulos*”, o qual haverá posteriormente, em 1853, uma segunda edição dedicada “*À sua alteza o Príncipe Real D. Pedro*” e com novo título “*Metodo Castilho para o ensino rapido e aprasivel do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever: obra tão propria para as escólas como para uso das familias*”. Como aponta Dias (2000), tinha o propósito, portanto, de ser um método de ensino rápido, atraente e eficaz do ler e escrever.

Para Castilho, “a competência da leitura é compreendida como posterior e derivada da habilidade da fala, posto que supõe a compreensão do valor da linguagem. [...] supunha o aprendizado da escrita posteriormente à aquisição da leitura” (BOTO, 1997, p. 82). Assim, as etapas do método consistiam em partir de palavras para a divisão em sílabas (Fig.1), guiadas

⁸ Além de salário digno, devido sua utilidade social e desgaste profissional, diz-se de incentivo motivacional do professor com reconhecimento público e premiações várias a fim de garantir a formação básica dos alunos. (BOTO, 1997, p. 80)

por ritmos, como “frequência do canto, das palmas e das marchas” (CASTILHO, 1853, p. XLVI).

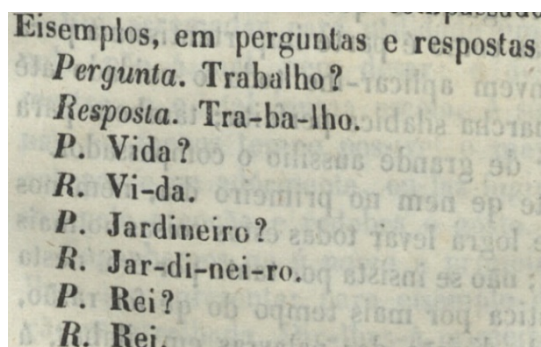


Figura 1 – A divisão em sílabas.

Fonte: Metodo Castilho para o ensino do ler e escrever (1853, p. 19).

Em seguida, trabalhar-se-iam as letras e a aquisição da sonoridade a partir das figuras das letras e suas histórias (Fig. 2) – etapa importante da mnemonização. Só então, reconstruir-se-iam as sílabas e as palavras (Fig. 3) e, dessa forma, se exercitaria a leitura. Essa reconstrução é chamada de Leitura Auricular. O professor soletraria oralmente as letras de uma determinada palavra e os alunos, por sua vez, deveriam formar oralmente e primeiramente as sílabas para, só então, a palavra por inteiro.

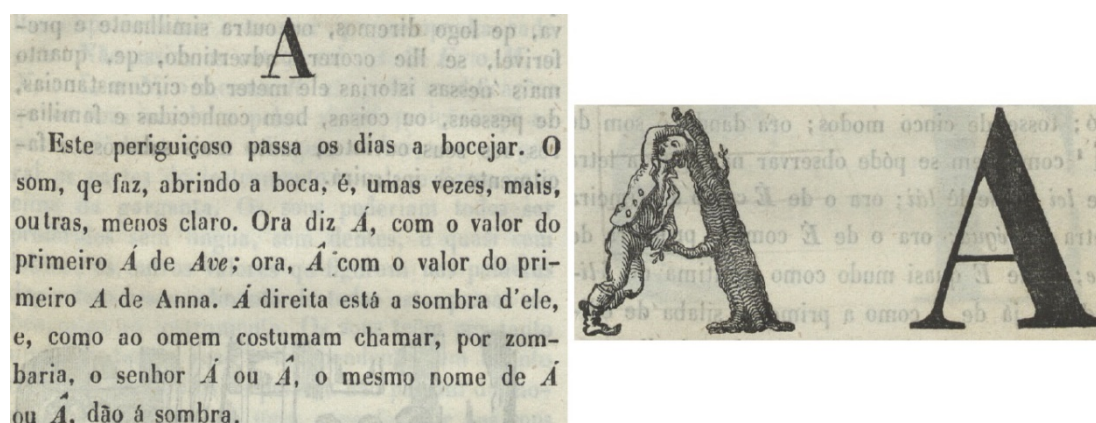


Figura 2 – História para abordagem da letra 'A' maiúscula e figura de apresentação da letra.

Fonte: Metodo Castilho para o ensino do ler e escrever(1853, p. 28-29).

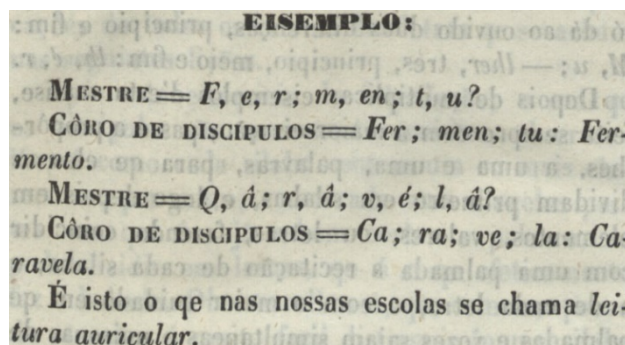


Figura 3 – Reconstrução das sílabas e das palavras.
Fonte: Metodo Castilho para o ensino do ler e escrever (1853, p. 24).

A edição de 1853 do Método Castilho apresenta 21 lições com orientações detalhadas do que deve ser feito, desde a organização da sala de aula até a formação do professor. É esse o método a que Ravara tem acesso e que serve de inspiração para a criação de sua própria metodologia, que será melhor elucidada no capítulo a seguir.

O Método Ravara

Na Corte do Rio de Janeiro, em 1854, Alessandro Galleano Ravara apresenta um método de sua criação para o ensino da língua italiana. Como dito anteriormente, o sucesso de suas conferências e dos seus exercícios era noticiado em alguns periódicos da época, como *Jornal do Commercio*, *Correio Mercantil*, *Diario do Rio de Janeiro*, e houve, inclusive, a tentativa de lançamento de um jornal para a divulgação deste método. Contudo, é somente no semanal *L'Iride Italiana* que encontramos exemplo da divulgação dessa iniciativa pedagógica.

A primeira publicação desta seção aparece na edição de número 3, em 16 de julho de 1854 (Fig. 4). Sob o título de *Modo pratico per imparare la lingua italiana – Metodo del Professore A. Galleano Ravara*, são apresentados os primeiros sons – *primi suoni* –, partindo-se da classificação das vogais em abertas (à, è, ì, ò, ù) e fechadas (a, e, i, o, u). A sua distinção é feita a partir das diferenças de significado, como *la meta* e *la metà*, *la merce* e *la mercè*, *i fini* e *egli finì*, *Il suono* e *egli suonò*, citando alguns exemplos:

MODO PRATICO

PER IMPARARE LA LINGUA ITALIANA.

METODO DEL PROFESSORE A. GALLEANO-RAVARA.

PRIMI SUONI.

SONS

VOCALI

VOGAES

Suoni piani a — e — i — o — u
Suoni vibrati à — è — ì — ò — ù

ESEMPJ.

a	à	e	è
La meta	La metâ	La merce	La mercè
O termo	A metade	A mercadoria	A recompensa
La pieta	La pietâ	Il piede	Il piè
O pezar	A piedade	O pé	O pé
La vita	La vitalità	Le teste	Teste
Vida	Vitalidade	As cabeças	Aiuda agora
La mora	Egli morrà	Egli puote	Egli potè
A moura	Elle morrerà	Elle pode	Elle pode
Vera	Ella verrà	Egli diede	Egli diè
Verdadeira	Virá	Elle deu	Elle deu
Sincera	La sincerità	Ella fece	Ella fe
		Ella fez	Fez

i	ì	o	ò
I fini	Egli finì	Il suono	Egli suonò
Os fins	Acabou	Som	Souo
I mori	Egli morì	Il tuono	Egli tuonò
Mouros	Morreu	Trovào	Trovejou
Tu senti	Ella senti	Io parlo	Ella parlò
Ouves	Ouvia	Eu fallo	Fallou
Tu menti	Egli menti	Il mostro	Egli mostrò
Mentes	Mentiu	Monstro	Mostrou

LINGUA PARLATA.

D. Buon giorno, signora.
R. Buon giorno, signore.
D. Come state di salute?
R. Bene grazie; e voi?
D. Non avete veduto i miei fiori?
R. Sì; sono bellissimi.
D. Il giardino comincia ad offriro bella vista.
R. Sì; i fiori crescono abbondantemente.
D. Avete susine?
R. Ve n'è a bizzeffe!
D. Sono un pó troppo spesse.
R. Hanno bisogno d'essere scemate.
D. Che bella apparenza hanno queste pesche!
R. Quest'albero dà molte frutta.
D. Quest'uva è affatto matura.
R. È molto primaticcia.

PROVERBJ.

Chi dura vince.
Alla tavola e al tavoliere si conoscon la dama e il cavaliere.
Le donne son soverchie presenti, sonò desiderate assenti.

Stare in sella e cercar l'asino.
L'amico del buon tempo cambia col vento.
Chi perde il tempo perde il denaro.
Gallina vecchia fa buon brodo.
L'uomo senza denaro è l'immagine della morte.
Chi ben intende bene risponde.
Non è oro tutto quel che luce.
In un giorno non si fece Roma.
Dimmi con chi vai e ti dirò chi sei.
Vale più un uovo oggi che una gallina domani.
A buon intenditor poche parole.
L'uccellino che sta dentro la gabbia, se non canta d'amor canta di rabbia.

Di	Il dì	Il canto	Colui cantò
De	O dia		Elle cantou
I riposi	Così		
Socegos	Assim		

u

Il suono piano *u* non dà fine a veruna parola italiana; se si eccet-
aculo nenhuma palavra
tua *fu e tu* che per essere monosillabi suonano necessariamente vi-
fui sóa
brati, come nelle seguenti parole:

Piu	Belzebù
Mais	Nome d'un diabo
Il dippiù	Su
Demais	Em cima
La virtù	Lassù
	Là em cima
La schiavitù	Giù
Escravidão	Embaixo
La servitù	Laggiù
	La embaixo

SILLABE.

Ca	Che	Chi	Co	Cu
	Que	Qui		
Ga	Ghe	Ghi	Go	Gu
	Gue	Gui		
Sca	Scho	Schi	Sco	Scu
	Sko	Ski		
Sga	Sghe	Sghi	Sgo	Sgu
	Sghe	Sgui		
Cia	Ca	Gi	Cio	Ciu
Gia	Ge	Gi	Gio	Giù
Gna	Gne	Gni	Gno	Gnu
Nha				
Gua	Gue	Gui	Guo	Gu
Glia	Glie	Gli	Glio	Gliù
Lha				
Scia	See	Sci	Scio	Sciu
Cha				
Sa	Se	Si	So	Su
Qua	Que	Qui	Quo	Qu
Ssa	Sse	Ssi	Sso	Ssu
Za	Ze	Zi	Zo	Zu
Zza	Zze	Zzi	Zzo	Zzu

LINGUA FALLADA.

D. Bons dias, senhora.
R. Bons dias, senhor.
D. Como passa?
R. Bem, obrigado; e Vm.?
D. Vm. não viu as minhas flores?
R. Sim; são magnificas.
D. O jardim começa a offerecer um lindo aspecto.
R. Sim; dão muito bem nelle as flores.
D. Tem ameixas?
R. E que multidão dellas que ha!
D. Estão bastas de mais.
R. E' preciso desbastal-as.
D. Que boa apparenca tem os pecegos!
R. Esta arvore costuma dar muita fructa.
D. Estas uvas estão de todo maduras.
R. São bem temporás.

PROVERBIOS.

Quem soffreu, venceu.
O sisudo e o doudo dão-se a conhecer ao jogo.
As mulheres sonde estão sobejão, e aonde não estão fallão.

Andar na egua e perguntar por ella.
O amigo do bom tempo muda-se com o vento.
Perdendo o tempo, ninguem ganha dinheiro.
A velha gallinha faz gorda a cozinha.
Quem não tem dinheiro não tem graça.
Quem bem ouve, bem responde.
Tudo que é branco não é farinha.
Em uma hora não se ganhou Camora.
Diz-me com quem andas e eu dir-te-hei quem és.
Vale mais um ovo hoje que uma gallinha amanhã.
A quem bem entende poucas palavras.
O passarinho que está na gaiola se não canta por amor canta por raiva.

Figura 4 – Modo Pratico per imparare la lingua italiana, publicada em 16 de julho de 1854, p. 3-4.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional

São inseridas suas respectivas traduções para o português, evidenciando que, além da diferença fonética, há diferença de significado. Vale notar, ainda, que o som *piano u* é

considerado como praticamente inexistente, pois apareceriam somente em *fu* e *tu*, mas que, por serem monossilábicas, apresentariam obrigatoriamente um som *u vibrato*.

São apresentadas, também, algumas construções silábicas da língua italiana. Quando as sílabas apresentam alguma diferença particular, recebem destaque logo abaixo com as suas respectivas pronúncias em português, como forma de exemplificar os seus sons. Vale destacar que para o som *-cia* e *-gia* não são apresentados exemplos, sendo que essa pronúncia se diferencia da forma do português.

Em seguida, a seção se subdivide em duas pequenas subseções. A primeira, intitulada *Lingua parlata*, apresenta um diálogo entre um senhor (indicado como D) e uma senhora (indicada como R), os quais conversam sobre flores e frutas presentes num jardim. O contexto indica um tratamento formal entre os interlocutores, identificado pelo uso do pronome de tratamento *Voi* e dos verbos conjugados nessa pessoa como, por exemplo, “*Come state di salute?*”. Seu uso é um marcador de formalidade que existia na língua italiana no século XIX.

A segunda, intitulada *Proverbi*, elenca, como o nome do título sugere, vários exemplos de provérbios italianos. Ambas apresentam suas respectivas traduções para o português. Vale notar, no entanto, que não necessariamente se trata de uma tradução literal. Caso mais evidente é o provérbio “*In un giorno non si fece Roma*” tendo como tradução “Em uma hora não se ganhou Camora”.

A rubrica volta a aparecer, então, no número seguinte (n.º 4), mas sob o título de *Metodo pratico per imparare la lingua italiana* – título esse que será mantido nos números 7, 9, 11 e 12 do mesmo ano. A seção da publicação de número 4 (Fig. 5), possivelmente com o propósito de aprofundar o conteúdo apresentado no número anterior, retoma e foca o uso, especificamente, da vogal *a*. A partir de frases, é conferido destaque à vogal na parte em italiano para evidenciar a sua pronúncia. Da mesma forma que no número 3, a seção apresenta um diálogo de tratamento formal na *Lingua Parlata* e frases de Provérbios e, acrescentado, Idiotismos.

O mesmo aprofundamento não é realizado com as outras vogais e sílabas. A seção na publicação de número 7 apresenta um diálogo em *Lingua Parlata* e exemplos frasais em Provérbios e Idiotismos. Nos números 9 e 11, por sua vez, são apresentados somente Provérbios e Idiotismos. Na publicação de número 12, entretanto, a rubrica apresenta somente um diálogo tendo como contexto um jantar e mantendo, como nos diálogos anteriores, o

tratamento formal. Vale, ainda, ressaltar que a rubrica do Método Prático não volta a ser publicada no ano seguinte, em 1855.

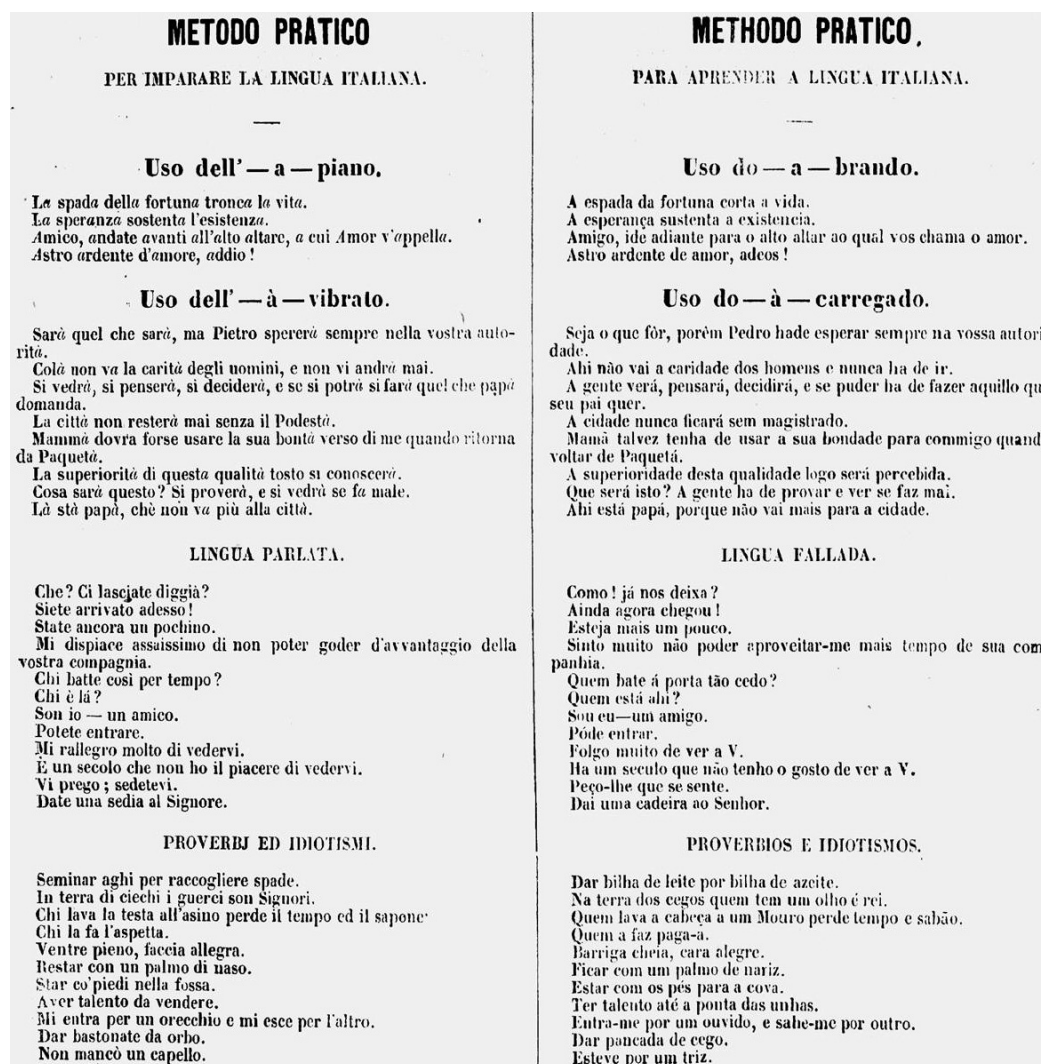


Figura 5 – Modo Prático per imparare la lingua italiana, publicada em 23 de julho de 1854, p. 4.
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional

Ao confrontarmos os métodos, encontra-se, em ambos, a preocupação com a leitura e a pronúncia adequada de cada língua. No entanto, há de se considerar que cada um deles parte de um objetivo diferente. Em Castilho, entende-se que a fala precede a escrita e a leitura. A aplicação da sua estrutura metodológica se dá a partir de exercícios orais e na separação de palavras em sílabas, com o auxílio rítmico de cantos, palmas e marchas, a fim de tornar as atividades leves e divertidas. As sílabas, por sua vez, seriam decompostas em letras para, a

partir delas, exercitar o som de cada uma com o auxílio de imagens e histórias que seriam, pois, as responsáveis pelo processo de memorização. Após os exercícios orais, passava-se à escrita e à leitura.

No caso de Ravara, a preocupação com a pronúncia e a leitura é primordial para se cantar bem em língua italiana, além de entender o que se é cantado e lido. Em seu primeiro editorial, já havia explicitado as suas intenções ao dizer que “se há de cantar bem a música italiana, se há de pronunciar bem o italiano, e se se tem que provar o belo das situações, e conhecer a filosofia de quem escreveu e de quem executa, se há de entender o libreto”⁹ (L’IRIDE ITALIANA, 1854, p. 2, tradução nossa), ou seja, uma atenção prioritária com a pronúncia correta da língua e não tanto com a escrita ou a gramática.

O ensino dessa língua, no semanal, parte das vogais, seguidas pelas sílabas e chegando à leitura, evidenciando-se os sons particulares da língua italiana. A presença de diálogos, provérbios e idiotismos serve de suporte para a prática leitora. A modalidade do método publicado no jornal se coloca como um facilitador linguístico do acesso à cultura musical e literária italianas.

Outro ponto importante a ser observado é o público-alvo e o local de divulgação e ensino dos métodos. Castilho olha para a população geral de falantes de português como língua materna, dedicando-se à alfabetização de sua pátria. Ravara, entretanto, foca na difusão de sua língua materna em território estrangeiro. Seu público é de falantes estrangeiros e o alcance do seu ensino é restrito a uma certa elite social e intelectual, especificamente, a da Corte Imperial do Rio de Janeiro, a qual tinha fácil acesso a bens culturais italianos.

Considerações finais

O semanal *L’Iride Italiana* apresenta profunda importância na difusão da língua italiana na segunda metade do século XIX no Brasil. É a partir desse empreendimento de Alessandro Galleano Ravara que o conteúdo relacionado à Itália começa a circular com maior presença, principalmente pelas relações sociais que o fundador e redator do jornal vai construindo durante a sua publicação.

⁹ “si ha da cantar bene la musica italiana, si ha da pronunciar bene l’italiano, e se si ha da gustare il bello delle situazioni, e conoscere la filosofia di chi scrisse e di chi eseguisce, si ha da capire il libreto.”. Cf. *L’Iride Italiana*, ano I, nº 1, 2 de julho de 1854, p.2.

Não à toa, o periódico consegue o patrocínio do Imperador a partir de 1855, possibilitando o aumento do número de páginas e maior participação de intelectuais italianos e brasileiros. O próprio Ravara assume a cadeira de professor de italiano do Colégio Imperial de Pedro II, disciplina que passa a integrar a grade curricular da escola e ganha espaço junto ao ensino de línguas estrangeiras vivas/modernas.

Poucos eram os instrumentos de ensino de língua italiana à época. Concomitantemente ao semanal, foi produzido e publicado o *Dicionário Italiano-Português* de Antonio Bordo, divulgado e celebrado pelo redator do periódico em questão. Alguns anos depois (entre 1856 e 1879 – não foi possível precisar um ano), foi elaborada e publicada a primeira gramática Portuguesa-Italiana no Brasil, de José Morena (ALMEIDA, 2019).

Compreende-se, portanto, que o jornal *L'Iride Italiana* se torna um recurso material passível de ser usado didaticamente, pois apresentava conteúdos literários, biográficos, críticas teatrais e notícias várias e foi precursor na sua iniciativa de propagação didática da língua italiana na Corte do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patricia Maria Campos de. A Grammatica Portugueza-Italiana e o ensino de língua estrangeira no Segundo Reinado. *Todas as Letras*. São Paulo, v. 21, n. 3, p. 1-19. 22 jul. 2019. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/12642/10371>. Acesso em: 11 ago. 2021.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AVELLA, Aniello Angelo. *Teresa Cristina de Bourbon: uma imperatriz napolitana nos trópicos 1843-1889*. [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. ISBN 978-85-7511-444-5. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/7nyjg>. Edição do Kindle.

BOTO, Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis. Intelectuais e discursos pedagógicos: a arte da educação (1820-1870). In: _____. *Ler, Escrever, Contar e se Comportar: a Escola Primária como Rito do Século XIX Português (1820-1910)*. 1997. 606p. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. p. 26-114. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20032012-103942/pt-br.php>. Acesso em: 30 abr. 2019.

CAPPELLI, Vittorio. *A belle époque italiana no Rio de Janeiro: aspectos e histórias da emigração meridional na modernidade carioca*. Tradução Aline Marques; Cecília Maculan Adum; Raphael Salomão Khéde. Niterói, RJ, EdUFF, 2015. 188p.

CASTELO-BRANCO, Fernando. Castilho tenta difundir o seu método de leitura repentina no Brasil. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 3, n. 1, 1977, p. 32-45. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33235/35973>. Acesso em 30 abr. 2019.

CASTILHO, António Feliciano de. *Metodo Castilho para o ensino rapido e aprasivel do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever: obra tão propria para as escolas como para uso das familias*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1853.

DE MAURO, Tulio. Cari italiani, come state parlando? In: *Italianistica Online*, [s. 1.], 15 maio 2005. Disponível em: <http://www.italianisticaonline.it/2005/lido-de-mauro/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

DIAS, José Maria Teixeira. Castilho – leitura repentina: método original? *Revista da Universidade dos Açores “Arquipélago História”*, 2ª série, v. 4, n. 2, 2000, p. 465-479. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/319/1/Jose_Teixeira_Dias_p465-479.pdf. Acesso em 30 abr. 2019.

GAMBINI, Roberto. Corações partidos no porto de Gênova. *Estudos Avançados*, [S. 1.], v. 20, n. 57, p. 264-296, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10161>. Acesso em: 3 ago. 2021.

GOMES, Vitor da Cunha. *O ensino de língua italiana no estado do Rio de Janeiro e as políticas linguísticas: um estudo diacrônico*. 2019. 216 f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://posneolatinas.lettras.ufrj.br/index.php/tese-2019-vitor-da-cunha-gomes/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

SILVA, Gisele Batista da. L'Iride Italiana: italianidade no Brasil oitocentista. *História*. São Paulo, v. 38, p. 1-22, 07 out. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/his/v38/1980-4369-his-38-e2019019.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.

SILVA, Gisele Batista da. Narrativas da cultura italiana no Brasil oitocentista: identidade e subjetividade enunciativa na imprensa de imigração. *Lumina*. Juiz de Fora, MG, v. 13, n. 1, p. 91-104, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/26080/18829>. Acesso em: 20 jun. 2019.

VANNI, Julio Cezar. *Italianos no Rio de Janeiro: a história do desenvolvimento do Brasil partindo da influência dos italianos na capital do Império*. Niterói, RJ: Comunità, 2000.

Fontes

CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro. 1854-1856. Disponível no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em: <http://www.memoria.bn.br> . Acesso em: 29 abr. 2019.

DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro. 1853-1854. Disponível no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em: <http://www.memoria.bn.br>. Acesso em: 29 abr. 2019.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro. 1854. Disponível no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em: <http://www.memoria.bn.br>. Acesso em: 29 abr. 2019.

L'IRIDE ITALIANA. Giornale settimanale del Prof. A. Galleano Ravara. Rio de Janeiro. 1854-1856. Disponível no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em: <http://www.memoria.bn.br>. Acesso em: 29 abr. 2019.

Recebido em: 29/08/2021.

Aceito em: 27/03/2022.